

# SAMORA MOISÉS MACHEL

## OS ANOS DE FORMAÇÃO 1933 1963

Gerhard Liesegang

### *Introdução<sup>1</sup>: Nascimento e antepassados*

Samora Moisés Machel nasceu a 29 de Setembro de 1933, em Xilembene<sup>2</sup>, Gaza, ao sul do rio Limpopo, como filho de Mandhande (Moisés) Machel (ca. 1892<sup>3</sup>-1984) e Gugiye Thema Dzimba (ca. 1900-1974). Samora tinha, na altura, dois outros irmãos mais velhos. Foram, ao todo, dez irmãos e duas irmãs, dos quais sobreviveram até 1978 apenas três, tendo a maior parte morrido na primeira infância. Os filhos do casal, lembrados em 1983 eram: Yesaya (1920-1944), Josefate, Samora, Paulina (1935-1941), Boaventura (n. 1937)<sup>4</sup>, Orlando (nasceu em 1938 ou 39), e Domingos. A morte de Yesaya, devido a um acidente nas minas da África do Sul e a indemnização paga na altura, deixaram um forte impacto na memória de Samora.

Samora era neto paterno de Malengani (Maghiveleni) Macheie (c. 1830/35-1922), guerreiro e oficial do exército de Gaza e de Khanyisani Manhique. Malengani casou com a avó depois da campanha contra os Chopi (ca. 1891)<sup>5</sup>; o avô tinha na altura já outros filhos crescidos e até netos mas, devido ao facto de Khanyisani estar associada à casa da primeira mulher que era estéril, os seus filhos tinham o estatuto de serem da primeira mulher. Segundo as investigações feitas por algumas comissões em 1978 e 1983, os

Estes apontamentos baseiam-se principalmente em dados obtidos em entrevistas, começando por uma entrevista quase acidental com Moisés Mandhande Machel sobre a história regional em 1970, algumas entrevistas feitas em 1983, em conjunto com Alpheus Manghezi, Miguel da Cruz, e colegas do Arquivo Histórico de Moçambique, em Maputo e Xilembene, a maior parte das quais foram traduzidos e transcritos parcialmente com ajuda de Alpheus Manghezi. (Cópias das transcrições das entrevistas nas cassetes C438-C 449 estão guardadas no AHM, secção de História Oral, como reservados. Estes incluem entrevistas feitas individualmente, como p.e. de Maria I. Nogueira da Costa ao enfermeiro Lemos Macuacua (C449) e de F. Ganhão a Samora Machel.) Em Maputo foram entrevistados Albino Maheche, que conviveu com ele na camarata e depois do regresso de Inhaca, Moisés Mandhande Machel na companhia de Josefate e Orlando Machel. Estes dois irmãos de Samora assistiram também às entrevistas em Xilembene com Paulo Machel, Tokiso Gabriel Machel, Filemone Menchane (um amigo do pai e intelectual local) Samora Mukhavele, já idoso, mas ainda forte, com provavelmente mais de 85 anos, Alberto Ndeve, Sara Macheie, Musindo Dzimba, Mulaleni Matonga Dzimba, Ana Mbazima, e em Chokwe, com Aurélio Chambal.

Foram igualmente consultadas transcrições de outras entrevistas, entre outras um sumário feito por G. Makavi de entrevistas feitas em 1978 com Abner Sansão Muthemba, em Xilembene, a Josefate e Moisés Machel, uma entrevista de F. Ganhão a Samora Machel em 1983, etc. O autor nunca falou com Samora. Alguns comentários de Aquino de Bragança em 1983 sobre resistência e igrejas depois de 1897 (possivelmente baseado também em conversas com Samora e a sua interpretação do passado) deram uma valiosa pista para a história sociocultural depois de 1895. As informações foram parcialmente cruzadas com algumas outras fontes e tentam reconstituir os ambientes em que Samora viveu e as experiências que retirou da sua vivência, bem como traços do seu carácter observados pela sua família e amigos deste tempo. Ficaram no entanto algumas dúvidas e lacunas e eventuais erros. Agradecemos a António Sopa a indicação de algumas fontes e acesso a outras.

<sup>2</sup> Em 1933 Xilembene fazia parte da então Circunscrição (hoje Distrito de Bilenc Macia), hoje é vila e posto do distrito de Chokwe.

<sup>1</sup> Outras fontes indicam 1900 ou 1902, mas parece-me que a data da primeira viagem para a África do Sul, feita a pé em 1912, indica que devia ter sido alguns anos antes.

<sup>4</sup> Quando Boaventura morreu em 1999, a família assumiu publicamente nos anúncios necrológicos que tinha morrido de Sida, numa altura em que outros falaram geralmente de "doença prolongada".

<sup>5</sup> Há uma ligeira divergência entre as informações sobre a origem da avó paterna dadas por Josefate Moisés Machel e o primo Paulo Machel, que viveu em casa de Malengani quando era novo. Segundo Paulo (entrevistado em 26-27 de Agosto de 1983), Malengani voltou da guerra contra os Chopi com a mãe de Moisés que teria sido dada pelo chefe (do exército ou possivelmente Ngungunyane) como recompensa da sua valentia. Malengani só teria lobolado três mulheres. Paulo Machel deixa subentender que foi uma cativa de guerra. Segundo a informação dada por Josefate em 1978 a G. Makavi a avó foi uma mulher júnior vinda da família da primeira mulher Vuyeya Mholombo Manhike que era estéril. Há outras fontes sobre casamentos contraídos no sul de Gaza entre 1889 e 1894 que mostram que casamentos com cativas eram relativamente frequentes em Gaza no último período da existência do estado de Gaza, talvez chegando a 20-30% dos casamentos feitos entre homens maduros de certo estatuto (cf. Jeanneret 1894: 126, sobre a zona de Antioka perto de Magude; a mãe do pastor R. Chiau também era uma cativa de guerra). - Os filhos destes casamentos não sofreram discriminação na sociedade tradicional. Segundo Josefate Khanyisani teria sido a *nhlampswa* (mulher secundária ajudante) da primeira mulher sobrevivente. Teria sido cedida ao pedido da primeira mulher pelos seus familiares então residentes em Chai-Chai. Khanyisani teria aceite a proposta. Na altura Malengani já teria tido filhos e netos de outras mulheres, mas ainda participava nas guerras.

antepassados de Malengani Machel eram: Matine, Xithlangi, Marimani\*, Khayihlano Maghayeye, Seye, Thethewayo, Chaya ni Tihavu\*, Ntshovani (ou Chovani)\*, Ngomani\*, Magurumbani\*, Manchiyani\* e Ntewani (Ntewana)\*.<sup>6</sup>

Os avós maternos de Samora eram Matonga Dzimba, também ele lembrado como guerreiro do estado

de Gaza, e Khetavahle Mparuke. Khetavahle, morreu pouco depois do nascimento da sua última filha Gugiye, mãe de Samora, que teve de ser alimentada com o leite de uma irmã mais velha para sobreviver à primeira infância.

### *Meio geográfico do nascimento e mudanças culturais e socio-políticas*

A casa da família Machel ficava perto do limite da zona alta arenosa e arborizada conhecida por *nthlaveni* (ou serra) e a da planície argilosa chamada *bileni*, frequentemente inundada pelas águas do rio Limpopo. A criação de gado bovino era uma actividade bastante importante embora dificultada e temporariamente interrompida pela peste bovina de 1896 e pelo *East Coast Fever* de 1907-8 que dizimaram os bovinos. Mas depois de 1909 há um crescimento regular das manadas e os rendimentos destas suplementaram os produtos da agricultura que era frequentemente afectada por secas. Os bois puxaram também as charruas e as carroças com as quais foram buscar lenha no *nthlaveni* visto que na planície havia poucas árvores.

A casa localizava-se apenas a dez quilómetros de Chaimite, antigo centro político e ritual do império de Gaza, pois tinha sido o lugar onde Sochangane, fundador do Império de Gaza, tinha governado entre 1839 e 1858 e onde foi enterrado. Situa-se na margem norte do rio Limpopo que podia ser vadeado durante a maior parte do ano. Xilembene pertencia, porém, no tempo colonial a uma outra área administrativa e os contactos da juventude de Samora eram mais com pessoas que viviam na margem sul do rio e no que era então a circunscrição de Bilene-Macia que incluía, na altura, o que hoje é o Distrito de Chokwe.

A linhagem paterna dos Machel (ou Macheie) faz parte dos antigos habitantes do vale do Limpopo que foram vencidos pelos exércitos de Zwangendaba e Sochangane entre 1822 e 1827 e que combateram nos exércitos de Sochangane e do Império de Gaza após 1827. Os grupos dominantes na área tinham sido os Khosa Xikotana e seus parentes, os Chambale, e clãs como os Nkuna e Macheie. As principais tarefas de governação e administração tinham, a partir de 1839-40, passado aos chefes nguni cujos descendentes se mantiveram no tempo colonial com lugar de chefia. Ali se tinha estabelecido depois da guerra civil de 1859-61 Manjobo Ntyayi-Ntyayi Dlamini, o governador militar da parte sul do Império de Gaza, que foi mandado para lá por Muzila em 1863; em Xilembene mandava, até 1895, Molungo, o "tio" pouco conhecido de Ngungunyane exilado para os Açores com ele. (Em 1909 a "rainha" Uamexinga, filha de Molungo, era rainha de Xilembene<sup>7</sup>. O seu nome havia de ficar como nome da chefatura e da primeira escola da área de Xilembene). Perto dali, também, tinha vivido e era natural Magigwane Khosa que dirigiu em 1897 o último movimento de resistência das populações de Gaza contra a conquista colonial, conhecido por guerra de *mbuyiseni* ("restituímos o Rei"). Em 1897, a administração colonial construiu um posto administrativo da planície (ou Bilene) na colina de Ka-Thluvane (ou Machobane, Inchobane) perto da casa de Magigwane, a quatro ou cinco quilómetros da casa dos Macheies. De Ka-Thluvane a sede da administração foi transferida para Macia num dos pontos mais altos das terras arenosas vermelhas. Isso foi na segunda metade de 1909, mantendo-se no entanto o nome da divisão administrativa, Bilene, que é a designação para uma planície com solos argilosos. Na mesma área, a cerca de 9 km de Macia, e dominando a planície da lagoa Chwale, tinha sido fundada anteriormente a missão católica de S. Paulo de Messano.

\* A primeira mulher NwaMacie teria morrido no caminho de Mussapa com os seus dois filhos (em 1863 ou mais tarde?). Segundo outras fontes Malengani teria tido ainda posteriormente uma residência em Mossurize com uma mulher, Makaka NwaMasinge, que ele recuperou ali talvez por 1893 numa última viagem para Mussapa. Talvez tenha acompanhado Ngungunhane na sua viagem para o sul em 1889. .

<sup>6</sup> Os nomes marcados por uma estrela foram mencionados por Moisés Machel quando entrevistado por Gabriel Makhavi em Janeiro-Fevebreiro de 1978 e em meados de 1983. Os não marcados foram apenas referidos em 1983 e resultam talvez de investigações feitas por familiares ou da interpretação do *Xithopo* da família.

<sup>7</sup> Esteves Guimarães, em Ferrão 1909:169

Desde os anos 1870-1880, o sistema de trabalho migratório para as minas da África do Sul era um importante factor económico e social, e também cultural. Os migrantes traziam dinheiro, conhecimentos do mundo e novas tecnologias (geralmente designadas com nomes zulu, derivados do inglês) uma nova religião, muitas vezes também doenças como a silicose<sup>8</sup> e a tuberculose, roupa e um novo código de vestir, já bastante visível entre os homens em 1893-5, panelas, camas e outros bens. Os contemporâneos sentiram esta mudança. Em 1934, José Albasini, numa polémica com José Cardoso, um economista que tinha saudades do passado, escreveu, apontando para as transformações que se tinham processado desde o início do século XX:

" Há 30 anos [o Africano] era um selvagem, dormindo no chão, em esteiras, comendo com a mão nas gamelas. Hoje é outro, dorme em camas, come na mesa, tem charruas, anda em caminho de ferro, de bicicleta ou em carroças, é agricultor, professor.

É verdade que já não oferece galinhas como dantes, mas isso explica-se, porque os brancos não compreendem aqueles amabilidades que tomaram por servilismo.<sup>9</sup>"

Albasini aponta aqui para novos comportamentos que se tinham desenvolvido entre as comunidades brancas e negras e uma série de empréstimos e outras modificações na comunidade negra. A religião cristã tinha-se feito sentir pouco depois da derrota final do estado de Gaza, em 1897. Em 1903 Abel Chambal teria aberto a primeira capela em Xilembene. Foi ali onde Mandhande Machel foi baptizado, recebendo o nome de Moisés, tendo ali também casado em 1917.

As charruas foram introduzidas na zona de Xilembene a partir de 1919<sup>10</sup>, sendo instrumentos bastante vulgarizados na década de 30. O pai de Samora adquiriu várias, sendo a primeira resultante do seu trabalho na África do Sul, entre 1912 e 1926, onde fez nove contratos. Também possuía juntas de tracção.

As "carroças" eram uma adaptação da tracção animal a um veículo sem rodas, já utilizado no mato pelos boers na África do Sul por volta de 1870, para transportes de troncos, animais de caça abatidos e outras cargas. Além disso empregaram-se entre ca. 1897 e 1935 ainda carros de bois para o transporte de Magude ou Xinavane e Magule ao Guijá. A camionagem tinha-se expandido bastante a partir dos anos 20 e ligava à rede de caminhos de ferro que, mesmo antes do nascimento de Samora, já se tinha estendido até Xinavane e Magude". Xilembene e Ka-Tlhuvane estavam, na altura, um pouco fora da mão em termos de transporte, o que se traduziu por baixos preços de produtos agrícolas. Evitava-se, no entanto, tentativas de colonos de obterem ali concessões de terras. Assim, limitavam-se a comprar e pastar algum gado bovino. Não impediu, porém, a introdução do cultivo obrigatório do algodão nos anos 30. Era nessa altura uma cultura de pouco interesse económico, o que levou os camponeses a quase abandonar o cultivo de cereais menos rendosos mas igualmente muito exigentes em trabalho como, por exemplo, o sorgo (mapira).

A estrutura rural estabelecida por volta de 1895-1905 e ligeiramente modificada com a introdução de algumas charruas mudou outra vez com a extensão do caminho de ferro de Magude para Lionde no vale do Limpopo na década dos 30 e, mais tarde, com o estabelecimento do Colonato do Limpopo em 1950/3 que transformou radicalmente a estrutura local, afectando também a família dos Machel, obrigando-a a deslocar a residência e ocupando quase toda a sua zona de cultivo. (Algumas das modificações, como a maior inclusão de colonos africanos no colonato, processaram-se em 1963, já depois de Samora Machel ter deixado Moçambique.)<sup>12</sup>

\* Causada pela inalação da poeira da rocha partida na minas.

" *Brado Africano* 20-1-1934.

" Era Nghazani Nkamhaku, que comprou a charrua (guedjo) na Mina de Modder East, na África do Sul.

" Em 1932 o *Brado Africano* noticiou a abertura duma linha de camionagem automóvel que ligava Xinavane a Inhambane. Saía de Xinavane nas quintas feiras, dormia-se em Xai-Xai. No dia seguinte ia de Xai-Xai a Manjacaze (de comboio?), daí para Inharrime, provavelmente por via de Chicomo. Outras linhas de camionagem ligavam Xinavane a Magude, Guijá, Chibuto e Zavala. Além deste serviço combinado dos caminhos de ferro havia também a empresa Nkonyamo, Noronha & Companhia que oferecia serviços entre Xai-Xai, Magule, Inharrime, Macia, Chongoene, Zandamela, Chissibuca com 10 carros (*Brado Africano* 6-2-1932, 9-4-1932). Os irmãos Oliveiras, em Chibuto, também fizeram os primeiros passos nesta altura (ainda não aparecem no Anuário de Lourenço Marques de 1930 (escrito em 1929), mas o de 1934 já tem na p. 444 Manuel Francisco de Oliveira & Irmão. Familiares já tinham uma empresa de transportes em Águeda, Portugal. (Entrevista com A. A. de Oliveira 1996).

<sup>12</sup> Sobre este período ver também Covane 2001: 128-9, Hermele 1988.

### *Afigura do avô paterno*

A memória do avô Malengani, se bem que já tivesse morrido há onze anos na altura em que Samora nasceu, estava ainda bastante latente no tempo do seu nascimento e mesmo, em 1983. Até 1889 parece ter possuído uma casa em Gaza, e outra casa e esposa em Mussapa, ao norte do rio Save, na área da capital de Ngungunyane, rei de Gaza. Interveio quando Ngungunyane transferiu a capital e, pelo menos, uns 50.000 habitantes da zona ao norte do Save para o sul. Alguns anos depois, foi uma última vez a Mussapa para buscar ali a mulher que já vivia com outro homem, mas que foi "cedida" sem discussões. A sua valentia na guerra (p.e. campanhas contra os Chopi, entre 1889 e 1893), valeu-lhe o nome de Maghivelane. Já não combatia na altura da guerra de Magigwane (1 897). Morreu em 1922. Makhavanyane, um irmão mais novo que vivia com ele, ainda participou na guerra de *Mbuyiseni* em 1897, tendo morrido em 1918, provavelmente na epidemia de gripe pneumónica ou *xiponyola* que matou muita gente.

## *O pai, a mãe e factores religiosos*

Moisés, o pai de Samora, era um dos últimos filhos do avô, nascido quando esteja tinha uma idade avançada, talvez mais de 60 anos. Moisés tinha uma irmã mais velha e, mais tarde, dois irmãos mais novos, filhos da mesma mãe.<sup>13</sup>

Moisés Mandhande Machel era, provavelmente, desde a década dos anos 1910, membro da Compound Mission. Esta era uma missão fundada por um advogado sul-africano, Custer, que missionava nos dormitórios ("compounds") das minas e acompanhava depois os migrantes convertidos na sua área de origem, onde estes fundavam comunidades de crentes, apoiados pela Missão. Em Xilembene estabeleceu-se, como já foi referido, um grupo chefiado por Abel Chambal, a quem se juntava Jonas Nkambako. Desde o início os crentes tinham um alto grau de autonomia para se organizarem, seguindo um padrão que existiu noutras igrejas protestantes<sup>14</sup>, com grupos de mulheres, evangelistas e anciões locais, muitas vezes com escolas onde se aprendia a ler e escrever, a entoar cânticos religiosos, etc. Moisés foi baptizado por Abel Chambal. Certamente o nome de Moisés não foi escolhido ao acaso. Na Bíblia, Moisés liderou o seu povo no caminho do cativo, no Egipto, aos limites do país de destino. Moisés Mandhande sentia-se também na posição de alguém que vai liderar o seu povo e a sua família para novas paragens. Estava interessado no desenvolvimento económico, na educação, relações humanas controladas por um código ético. Ele próprio tinha estudado até mais ou menos à segunda classe, sabia ler tsonga, embora não muito fluentemente. Era, nas décadas dos anos 30 e 40, um agricultor relativamente abastado, que utilizava várias charruas. A imagem de Moisés saindo de África estava errada, na medida em que não houve um corte completo com o passado africano. Moisés estava interessado no passado local e deve ter-se orgulhado do pai. Talvez possamos dizer que, em Gaza, após 1960, o reconhecimento do passado era essencial para estabelecer a dignidade do homem como indivíduo e representante de grupos locais sem, no entanto, determinar o caminho que se ia escolher.

A mãe, Gugiye Thema Dzimba, teve o primeiro filho em 1920. Mas, alguns dos seus filhos seguintes morreram cedo, entre eles um a quem já se tinha dado o nome de Samora. Segundo comentários de terceiros, era evidente que Samora tinha uma certa afeição pela mãe, extensiva à família desta. Esta não se limitava apenas a cozinhar, tentando explicar o mundo, aos seus filhos, como o colonialismo, e partilhava os trabalhos da igreja com o pai. Tinha também convivido com o avô paterno e contava histórias do seu sogro aos filhos. Haveria depois por aceitar que os seus filhos fossem participar na luta armada.

<sup>13</sup> Airmã mais velha Mulungwani, a irmã Sara e o irmão Tokiso (Gabriel) ainda viviam em 1978 e, em parte, participaram nas entrevistas em 1983.

<sup>14</sup> Depois da independência de Moçambique, em 1975, a igreja católica organizou-se da mesma maneira nas zonas rurais e sobreviveu muito bem. No que toca à Compound Mission, Custer aconselhou as comunidades apoiadas pela sua Missão a juntar-se à Missão Metodista Livre de Inhamachafu quando ficou velho demais para acompanhar as comunidades. Isso era provavelmente depois do desterro de Chambal e Nkambaku.

As missões protestantes e as igrejas africanas estavam muito limitadas na sua capacidade de oferecer formação escolar, depois das reformas coloniais de 1930, que proibiram, entre outras, o uso de línguas africanas no ensino. Houve também formas de repressão destas comunidades religiosas. Os ataques contra os evangelistas, ou pastores da Compound Mission na zona, parece ter-se iniciado por volta de 1937. Jonas Nkambako foi desterrado para Vilanculos; Abel Chambal para Matutuíne. A residência de Abel Chambal estava mesmo perto da escola de Uamexinga que Samora havia de frequentar e os cultos continuaram lá nos domingos<sup>15</sup>.

A experiência da opressão dos protestantes e as suas reuniões sob uma certa tensão ou na clandestinidade eram uma experiência política da juventude de Samora.

## *O nome*

O nome foi dado por Samora Mukhavele, parente da família do lado materno e antigo soldado do exército português. Mukhavele combateu na zona do Rovuma, durante a Primeira Guerra Mundial, e adoptou o seu nome Samora posteriormente em Tete. Era o nome de um oficial português, Pedro Llach Samora, que Mukhavele preferiu a um outro<sup>16</sup>. Mukhavele deu o nome primeiro a um filho que morreu e foi depois novamente convidado para um outro filho que felizmente sobreviveu. Samora Mukhavele era não só um antigo soldado e homem de acção, mas também um dos intelectuais da zona. Por volta de 1940 foi entrevistado pelo jurista Gonçalves Cota sobre história e costumes de Gaza, sendo um dos poucos informadores

identificados pelo seu nome.

O pai de Samora, a aceitar o nome cuja origem portuguesa era conhecida, era inovador, interessado em eliminar alguns dos pontos fracos da sociedade e herança cultural africana para poder competir no mundo moderno. Partilhava certamente também de um humanismo universalista. Queria provar a capacidade do africano em fazer o mesmo que o europeu. Pertencia a uma geração que estava ainda pouco preocupada em preservar a identidade africana, cuja força ainda podia parecer grande demais.

É provável que através da figura de Samora Mukhavele tenha entrado no mundo do jovem Samora Machel o guerreiro maconde, uma ideia da existência de Tete, a actuação eficiente de soldados africanos de Gaza contra soldados brancos e negros no Rovuma durante a primeira guerra mundial. Magigwane e Ngungunyane, que Samora iria mais tarde, em 1985, chamar de "rei justo", contrariando algumas tradições locais, certamente também faziam parte do seu universo.

### *A experiência de pastor e agricultor*

Antes dos seus oito anos, no intervalo 1944-46 e nas férias, Samora participava na pastagem dos bois. É uma experiência que afasta o rapaz do mundo feminino, estabelece um espaço autónomo com valores e hierarquia social internas, treina o jovem a suportar dores e a exibir-se perante os outros.

Os rapazes de uma certa zona saíam de manhã com o gado bovino dos seus pais ou tios e dirigiam-se para as planícies. Ali encontravam às vezes manadas vindas de áreas vizinhas, no caso dos Macheies os de Xilembene encontraram os de Chalucwane ou da "Serra" (*nthlaveni*) ao sul deles.

Nos períodos de descanso do gado organizavam-se combates entre os rapazes da mesma zona para saberem quem era o mais forte e às vezes havia também desafios entre os rapazes de zonas diferentes. Lutavam com os punhos (onde os do vale se consideravam superiores) e com varas e organizavam também combates entre os bois mais fortes das diferentes manadas. Chamava-se *ku-qeka* a provocação e *mugayiso* a própria luta com paus<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> É possível que o Estado tenha construído a escola para travar a actividade da Compound Mission nesta zona (mas também pode ter sido coincidência). Abel Chambal morreu em 1948.

<sup>16</sup> P. Llach Samora parece ter trabalhado posteriormente nos Serviços Geográficos e Cadastrais (antecessora da DINAGECA).

<sup>17</sup> Segundo Alberto Ndeve as raparigas lutavam também entre si até ao casamento, segundo as mesmas regras, praticavam *ku-pfinyane* (luta livre).

"Ali quem não soubesse proteger-se como deve ser, apanhava uma pancada na cabeça. E quando isso tinha acontecido, podia-se ir para casa e mostrar a ferida aos pais. Não faziam nada...

A luta podia começar desta maneira: podiam começar incitando os bois a lutar. Cada grupo incitaria o seu principal boi a lutar contra o mais forte do outro. Uma vez o boi derrotado os rapazes avançavam e diziam: 'derrotaram os bois. Pensam que também nos derrotaram a nós?... Os que foram vencidos tinham de submeter-se (*ku-khonza*) e pagar tributo (*ku-luva*)... com ovos, até galinhas roubadas em casa...'"<sup>18</sup>.

Para chegar aos pastos tinham de passar por cursos de água e os irmãos lembravam-se de um incidente em que Samora atacou um crocodilo no rio Nhlampfungeni que tentava arrastar uma vaca ou vitela sua para dentro da água<sup>19</sup>. O crocodilo desistiu e o bovino escapou com feridas e curou-se depois de tratado.

Quando já era mais crescido participou no cultivo das machambas, tanto de milho como de algodão, utilizando a charrua, ia buscar lenha com a carroça puxada por bois.

Nessa altura o pai e um irmão viram Samora matar uma cobra e ficaram bastante impressionados pela sua coragem e técnica utilizada. Em vez de atacar com um pau, Samora pegou a cobra pelo rabo com a mão e matou-a com um movimento giratório antes de ela se poder virar para trás para mordê-lo.

### *A escola*

Em 1941, já com oito anos, Samora começa a frequentar a escola n.º 21 em Uamexinga, a uns oito quilómetros da casa paterna. A escola tinha provavelmente sido construída com fundos do Estado em 1927, que também pagava os professores. Só depois de 1943 passou a ser uma dependência da missão de São Paulo de Messano. O edifício obedece ao padrão das escolas primárias para Africanos construídas pelo Estado na altura. Tem um chão cimentado e elevado, um tecto sobre colunas ou pilares, muros laterais pouco elevados e sem janelas e sem divisões de salas para turmas, com dois pequenos gabinetes para o professor.

Em 1943, Samora é expulso da escola de Uamexinga já controlada pela igreja católica depois da

Concordata. É possível que tenha sido por causa da religião protestante dos seus pais. Já tinha percorrido a 1ª A, a 1ª B, e avançado para a 2ª classe que tinha carteiras e bancos. Até 1946 volta a tomar conta do gado. O pai tinha na altura 12 charruas e 500 cabeças de gado.<sup>20</sup>

Em 1946, volta a frequentar o ensino, certamente devido a insistência do pai e à abertura da administração e missão católica de S. Paulo de Messano, que queria educar e integrar os filhos das elites locais de chefes e machambeiros<sup>21</sup>. A sua primeira passagem por S. Paulo de Messano acabou com a sua fuga, aparentemente depois de poucos meses. O pai tinha feito duas visitas e viu que as condições no internato eram duras. Nem ele nem a missão forçaram Samora a voltar. Os pais conseguiram matriculá-lo novamente em Uamexinga. Em 1948, faz a terceira classe do sistema rudimentar tendo tido aproveitamento suficiente para continuar no sistema geral, o que o obrigava a voltar a viver como aluno interno na Missão de S. Paulo de Messano a uns 30 km de Chilembene.

A Missão de S. Paulo e as suas actividades agrícolas e de ensino foram descritas em 1949-50 da maneira seguinte:

"Agricultura.. Tem uma área superior a 30 hectares de terreno para agricultura, em que se praticam várias culturas, sendo as principais a do arroz, amendoim e banana. Os alunos da sede e das escolas filiais tomam parte nos trabalhos agrícolas como ensino prático.

O ensino na sede está confiado às irmãs religiosas [Franciscanas Hospitaleiras de Calais]. Dos 50 professores rudimentares, 42 são subsidiados directamente pelo Arcebispado. Destes, há: 3 diplomados, 4 com 4ª classe, 12 com 3ª elementar, e os restantes uns com o exame rudimentar e outros simples catequistas."<sup>22</sup>

<sup>18</sup> Entrevista de A. Manghezi e outros com Paulo Machel, Filimone Menchane, Samora Mukhavele, Josefate Machel e outros, Xilembene, 27 de Agosto de 1983.

<sup>19</sup> Contado por I. Christie 1996: 25-6

<sup>20</sup> Entrevista de S. Machel por F. Ganhão, Agosto 1983, transcrição A. Loforte.

<sup>21</sup> Comentário de J. Machel, 1983

<sup>22</sup> Arquidiocese de Lourenço Marques, Esforço Missionário 1950: 65.

Em 1947-48 a missão tinha mais de 9.000 alunos matriculados e apenas dois deles conseguiram passar no exame final da 4ª classe<sup>23</sup>.

Neste sistema escolar havia situações em que o professor sabia pouco mais do que o aluno. Em 1949, Samora fez a terceira classe elementar do sistema geral, e no ano seguinte, a quarta classe. Havia um acontecimento que deixou uma impressão indelével na sua mente ainda em 1983:

"Quando faltavam 15 dias para o exame da 4ª classe disseram-me: ou é baptizado ou abandona a Missão. Foi o padre Romano (aquele que foi morto na Missão de S. Roque no Benfica)<sup>24</sup> que disse. As irmãs de Caridade e ele vieram ter comigo e disseram: ou é baptizado ou sai da Missão.

Faltavam 15 dias para o exame e eu tinha metido os papéis. Era chantagem.. Eu aceitei e fui baptizado, crismado. Deram-me muitas ofertas. Terços com a cara de S. Francisco Xavier etc. Ficaram satisfeitos, porque tinham ganho, tinham convertido um protestante. Isto foi em 1950."<sup>25</sup>

S. Machel não gostou da disciplina nem dos trabalhos agrícolas da Missão de S. Paulo de Messano, que ainda hoje é um centro escolar. Talvez menos pela aversão ao trabalho agrícola que fazia em casa do que pelo facto que considerou isso uma imposição e exploração, visto que os pais pagavam pelo internamento na missão<sup>26</sup>. Mas nem tudo era negativo. Havia uma irmã, Paula Muhlana, que manteve contactos com ele em Lourenço Marques; conheceu o futuro régulo de Messano, a quem ajuda quando perde a posição de régulo, seu cajual e terras depois de 1975, etc.

### ***Samora Machel, formação como enfermeiro (1951-1955)***

Em 1950, com 17 anos de idade, Samora tinha atingido a quarta classe do sistema normal. Parece ter sido um entre três ou quatro do seu ano que concluiu a escola na Macia. Era o topo do que era normalmente a carreira escolar para os africanos no sistema colonial vigente na altura<sup>27</sup>. Em 1983 ele lembrava-se que queria ir para o ensino secundário ou pelo menos para a Escola Técnica Sá da Bandeira e que os padres de Messano queriam mandá-lo para o Seminário Menor em Magude. Samora recusou, mas não consegue o ingresso para o ensino secundário. O pai lembrava-se em 1983 que Samora estava entre os três alunos que o administrador tinha escolhi-

do para a administração para serem oficiais de secretaria (*mabalane*.) Mas um padre teria dito ao administrador que Samora queria ser enfermeiro e que o administrador aceitou. Os requerimentos foram feitos na administração.

Numa altura em que Eduardo Mondlane, cerca de dez anos mais velho e que tinha seguido um caminho diferente, batalhava para a continuação dos seus estudos universitários, Samora Machel escolhia a profissão de enfermeiro.

Podemos subdividir o período de formação em fase de estágio em Xai-Xai (cerca de seis meses em 1950-51) e o próprio curso de enfermeiro auxiliar (1951- 1954) e um ano de espera para uma vaga durante o qual era pago como praticante de enfermagem<sup>28</sup>.

O estágio em Xai-Xai era necessário aparentemente porque o primeiro requerimento para fazer o curso não teve uma resposta. Para aprender e familiarizar-se com a profissão trabalha em 1950-51 na delegacia de Saúde de João Belo (Xai-Xai) e provavelmente também no hospital. Era da praxe pagar os estagiários como serventes. Concorreu depois para o curso de enfermagem auxiliar a partir de Xai-Xai e é aceite. Em 1951 vai para o Hospital Miguel Bombarda (hoje Hospital Central de Maputo), onde funcionava este curso de dois anos.

<sup>21</sup> loc.cit.

<sup>24</sup> Em Setembro de 1974. Segundo V. Mainga (comunicação pessoal, 1984) Romano tinha a fama de ter violado o segredo de confissão e ter denunciado pessoas à PIDE/DGS que eram conotadas com a FRELIMO. Tinha-se escondido num cajueiro da missão mas os latidos do seu cão que o seguiu e não conseguiu subir a árvore traíram-no junto dos seus perseguidores.

<sup>25</sup> Entrevista de S. Machel por F. Ganhão, op. cit.

<sup>26</sup> Cf. Entrevista com J. Saul em Christie 1996: 31-32

<sup>27</sup> Correspondia também ao mínimo requerido para um operário qualificado português. Entre 1960 e 1974 já havia uma maior abertura para os africanos.

<sup>28</sup> A maior parte das informações sobre a formação baseiam-se numa entrevista com Albino Maheche, em 25 de Agosto de 1983 (AHM C 448). A formação foi comentada também por Josefate e Moisés Machel e um outro enfermeiro, Lemos Macuacua..

Um jornalista português, Marques Gastão, descreve o funcionamento do hospital em 1953:

"O pessoal era constituído por 33 médicos, além do director, dois farmacêuticos, mais de uma centena de enfermeiros, auxiliares etc, com um total de 438 trabalhadores, dispondo de 902 camas"<sup>29</sup>.

É difícil imaginar no ano 2000, cinquenta anos depois, alguns aspectos da vida em Lourenço Marques e arredores por volta de 1950. A cidade de Lourenço Marques era muito mais pequena do que agora, tinha como limites a cadeia civil e o quartel, o porto e o Alto Maé, com subúrbios africanos em Chamanculo, Chinhambanine, Ximphamanine, Munhuana e Bairro Indígena, e Maxaquene-Malhangalene. Era uma estrutura autoritária, na qual empregados ou donos de terras africanos que entravam em conflitos com europeus, especialmente portugueses, eram mandados para as roças de S. Tomé como contratados à força. Para sobreviverem, muitos africanos procuram padrinhos entre os brancos, que abrem as portas em casos de dificuldade. No curso da década haviam de formar-se grupos de liberais e comunistas entre os brancos que estavam a trabalhar como médicos e em outros serviços do Estado, em bancos, como advogados, e que contestam as estruturas do Estado fascista etc, mas em 1950 a situação ainda não tinha evoluído tanto.

Não obstante, Samora Machel mostrava-se desinibido, não tolerando abusos de africanos como de europeus, até provocando às vezes. Gostava de ler jornais, para ver o que se passava no mundo, seguia com atenção o que se escrevia sobre a União Soviética, gostava de boxe, daí a sua alcunha "Jack Dempsey".

Era ainda possível que um médico batesse num enfermeiro ou aluno africano de enfermagem. Samora não aceitava ser agredido, agarrou uma vez as mãos do médico Pais de Souza que lhe queria bater.<sup>30</sup>

Ficou chefe da camarata dos enfermeiros depois de vencer o seu predecessor Sumbana num curto desafio de boxe.

O curso era de dois anos, mas Samora é reprovado na cadeira de Medicina Prática que era oral e prática e leva três anos, terminando em 1954<sup>31</sup>.

### ***Actividade profissional 1955-1963***

Depois do fim da formação fica um ano à espera de vaga, ganhando 202\$50, como praticante de enfermagem. Depois é promovido a Ajudante de Enfermeiro Auxiliar colocado na então Circunscrição de Maputo (hoje Distrito de Matutuine). Machel foi destacado para a Ilha de Inhaca, onde existia na altura um posto administrativo (dependente de Bela Vista, sede da então circunscrição de Maputo). O *Anuário do Ultramar Português* para 1957, 1958 e 1959 menciona na rubrica "Saúde e Higiene" no posto sanitário da

Ilha de Inhaca o "enfermeiro indígena" " Samora Moisés Macheie"<sup>32</sup>. Batalha com uma epidemia de cólera ou desintéria, visitando as casas dos habitantes, tenta evitar conflitos com o chefe de posto, um branco, e funda uma família com Sorita<sup>33</sup> Chaiankomo, natural de Machangulo ao sul da Ilha de Inhaca. Joscelina e Edelson nasceram antes do regresso a Lourenço Marques, e Olívia e Ntewane (nome do bisavô) depois, até 1963<sup>34</sup>. Ficou três anos na Inhaca e depois pede transferência para o Hospital Central Miguel Bombarda em Lourenço Marques para poder voltar a estudar. A partir de 1959 frequentou o curso do liceu, até tirar o 2º ano e depois o 5º ano do liceu. Vive numa casa de madeira e zinco que alugou no bairro de Mafalala.<sup>35</sup> Em 1962-3 começou a construir uma casa própria em Ximphamanine, perto do Bairro Indígena.

Um antigo colega, Albino Maheche, lembrou-se em 1983 de ter frequentado, com S. Machel "a escola, tipo explicações, do Dr. Pires Moreira, que era um padre, depois... um colégio aqui na Malhangalene, que

<sup>2</sup>« Gastão 1955: 24

<sup>10</sup> Informação Josef Machel. No fim da década dos sessenta, os médicos do hospital Miguel Bombarda eram encorajados de sentarem-se no refeitório comum na mesma mesa com os enfermeiros. Isso era feito para evitar acusações de racismo e era numa altura em que na metrópole médicos e enfermeiros comiam em mesas ou refeitórios diferentes (Informação de um médico, 1969). <sup>31</sup> Este facto é mencionado apenas por uma fonte e pode ter sido com o segundo chumbo em 1961. <sup>12</sup> 1957: 246; 1958: 248; 1959: 251.

<sup>33</sup> Christie 1996. Na transcrição da entrevista de Lemos Macuacua lê-se "Sónia".

<sup>14</sup> Christie 1996: 34-5. Sobre os filhos e a família deixada em Lourenço Marques, ver Martins 2001: 319-20. <sup>35</sup> Christie 1996: 34-5; Maheche, entrevista 1983 e inf. pessoal 2001.

era de pastores protestantes da Igreja Metodista, e depois frequentámos, também para fazer o 5º ano [que corresponde grosso modo à 9ª classe], a escola "Fernando Pessoa" do Dr. Jaime Rebelo. Foi no ano de 1961, 1962 até 1963"<sup>36</sup>.

Frequentaram em 1961, de dia, um curso de enfermagem e de noite a escola secundária. Samora tinha concorrido para o curso normal de enfermagem que antes tinha sido reservado para brancos e assimilados. Devido às suas qualificações literárias pode participar num curso intensivo de um ano em 1961, passa nas provas escritas nos fins do ano, mas é novamente chumbado na prova prática e oral<sup>37</sup>.

No Hospital Miguel Bombarda trabalhou em muitas enfermarias. Quando decidiu deixar o país em Março de 1963, depois de um aviso que se arriscava a ser preso, estava na 13ª enfermaria que fazia investigações de Malária.

#### *A actividade política começa a dominar a vida*

Em Lourenço Marques Machel não estava só interessado na sua formação; continuou interessado na política. Já tinha participado numa greve para o aumento do vencimento dos praticantes. Apesar da greve ter sido criticada o vencimento foi aumentado<sup>38</sup>. Encontrou-se com um grupo de pessoas que discutiam informalmente questões políticas. Não eram só enfermeiros, havia também alunos da Escola Comercial, como Filipe Samuel Magaia que se fez notar pela sua capacidade de formulação brilhante. Um novo rumo para este meio é dado por Eduardo Mondlane durante a sua visita em 1961. Mondlane já era uma celebridade por ter sido um dos primeiros negros do sul de Moçambique a ter obtido um grau universitário. Mondlane não pregou apenas em igrejas, utilizando uma pequena fábula sobre os pintainhos e a águia para indicar que a via de assimilação pretendida pelos portugueses não respondia às reais possibilidades e capacidades dos africanos de Moçambique<sup>39</sup>. Recebeu também jovens que o consultaram sobre estudos, bolsas e a situação política<sup>40</sup>.

Entre aqueles que visitaram Eduardo Mondlane em Fevereiro-Março de 1961, aquando da sua estadia no Khovo, actual centro da igreja presbiteriana, estavam também os enfermeiros Samora Macheie e Albino Maheche<sup>41</sup>. (O jornalista Guilherme de Melo descreve Machel como tendo participado também numa reunião de carácter cultural em casa do poeta Craveirinha, organizada em Março de 1961, para receber Eduardo Mondlane<sup>42</sup>.) Maheche, cinco anos mais novo, era natural de Madender (Distrito de Manjacaze), tinha estado no mesmo curso com Machel e frequentava o ensino liceal com ele. Mondlane explicou-lhes que eram necessários protestos e contestações do regime colonial perceptíveis no exterior. Em conjunto com outros enfermeiros tentaram organizar ainda em Março algumas actividades como espalhar panfletos. Parece que a Polícia Política PIDE que já tinha estado a vigiar os contactos de Eduardo Mondlane, bem depressa se deu conta que alguma coisa estava a passar-se e prendeu Maheche e outros por volta de Agosto ou Setembro de 1961<sup>43</sup>. Maheche não se referiu a Machel nos seus depoimentos e foi solto algum tempo depois. Mas a tensão continua. No ano seguinte, Mondlane participa na fundação da FRELIMO em Dar es Salaam e é eleito seu Presidente. Esta notícia chega também a Lourenço Marques.



Albino Maheche, entrevista 25 de Agosto de 1983; Christie 1996: 35 menciona o nome do Dr. Adalberto Azevedo. A finalidade destas explicações era de fazer os exames como alunos externos. Quando ganhava 1.300 escudos como enfermeiro de 3ª Samora gastou 350 escudos para pagar as aulas, quando ganhava 1.800 escudos gastou 500, portanto pouco menos do que o terço do seu salário que era na altura mais de cinco vezes o de um empregado doméstico; sobre a formação escolar ver também Martins 2001: 311.

<sup>1</sup> S. Machel foi entre os 17 alunos (mais de metade da turma de 33) que foi excluído com três valores e não admitido ao exame (cf. entrevista com Lemos Macuácuca). Em termos de uma teoria de comportamento humano consciente e inconsciente podíamos talvez suspeitar que Samora não assumiu no seu comportamento verbal e linguagem de corpo a pose subserviente de um ser socialmente inferior que os professores e examinadores esperavam (talvez inconscientemente) de um aluno negro e por isso deixaram-no chumbar (cf. também Christie 1996: 42). Em júris académicos recentes assistimos a alguns casos em que atitudes semelhantes de alunos autoconfiantes e quase condescendentes baixaram as notas atribuídas nas defesas porque eram considerados desafios à autoridade académica e à comunidade do oponente .

<sup>8</sup> A greve realizou-se talvez em 1955, ou 4 ou 5 anos mais tarde.

<sup>9</sup> C. Manghezi 1999: 193 (já tinha sido utilizado na luta pela emancipação dos negros nos E.U.A.).

"Manghezi 1999: 189

<sup>1</sup> Sobre a estadia Manghezi 1999: 188, 210.

<sup>2</sup> Melo 1981:202

<sup>1</sup>Amaral 1991: 129; ver também Cruz e Silva 1990: 131, indicando a colaboração de Virgílio de Lemos.

Em 62, as prisões da PIDE continuaram. Samora estava avisado e reflectia sobre o que havia de fazer. Não estava preparado para ir para a prisão. Assistiu aos julgamentos de presos políticos<sup>44</sup>. Um outro enfermeiro, ouvido e torturado pela PIDE depois, implicou Machel. Quando um amigo político<sup>45</sup> avisou Machel em Março de 1963 que estava sendo procurado pela PIDE, só havia um caminho. Pediu licença para ir a Matutuíne, avisou o irmão mais velho, Josefate, pedindo-lhe para explicar a sua saída ao pai, em Xilembene, despediu-se da mãe que estava em Lourenço Marques em tratamento, informou-se junto a evangelistas anglicanos qual o melhor caminho a tomar e atravessou a baía para Catembe e Bela Vista<sup>46</sup>. Dali foi para a Suazilândia, Africa do Sul e Botswana (Bechuanalândia), onde obteve transporte para a Tanzânia. A viagem durou cerca de três semanas e meia. Estava decidido a participar na libertação de Moçambique. Não era o único a tomar este caminho. Filipe Samuel Magaia já tinha ido meses antes. Haviam de ir também muitos outros enfermeiros, alguns como Aurélio Manave, já com estatuto de assimilado<sup>47</sup> atingido no período antes - de 1960 e o 5º ano feito como Samora, outros com o mesmo curso deste último.<sup>48</sup> O seu irmão mais velho Josefate foi pouco depois de Samora.

### *Personalidade e possíveis influências na juventude sobre a sua visão do mundo*

Sobre a sua personalidade há testemunhos muito diferentes. Há um técnico e compadre residente no Chamanculo (Hlambankulu) que o viu como " pessoa introvertida, metida consigo próprio"<sup>49</sup>, em 1961, quando já estava talvez preocupado com a Pide. Em meios que ele não conhecia parece que optava pelo silêncio e observação. Mas quando tinha em volta de si um grupo que conhecia (e talvez o reconhecia como chefe), era desinibido, investigando meios e maneiras de provocação, experimentando a situação<sup>50</sup>, exibindo-se frente aos colegas, mostrava interesse no género oposto.

Vários anos de leituras de notícias políticas em jornais, discussões com colegas e alguns médicos e os conhecimentos do liceu lhe tinham proporcionado um certo conhecimento do mundo. No que toca a Moçambique, penso que no mundo do jovem Samora Machel já devem ter existido os habitantes do Planalto dos Maconde, (trazidos provavelmente pelo seu padrinho Samora Mukhavel), uma noção de Tete e algumas outras regiões de Moçambique. Também deve ter sido familiarizado com a actuação de guerreiros africanos de Gaza contra soldados brancos em 1895 e 1897, deve ter tido conhecimento da eficiência de soldados africanos na Primeira Guerra Mundial, da luta dos Nguni contra os Chopi, e até experiência da resistência das igrejas africanas contra o controlo do Estado colonial, conhecia o tipo de relações considerado normal entre os colonos e os seus empregados africanos. A mãe e o pai tinham uma consciência viva da situação colonial e conhecimentos históricos, o padrinho Samora Mukhavel era mesmo um dos historiadores locais. É possível que tenha visto o contraste entre a família polígama dispersa do seu avô guerreiro e aquela do seu pai sedentário que tinha abandonado a sua vida de mineiro alguns anos depois de casar e ficava na terra como machambeiro.

O sistema de chefes tradicionais existente em Gaza, à volta de Xilembene (com chefes nguni e duas chefaturas temporariamente encabeçadas por mulheres) não deve ter inculcado uma imagem de uma instituição imutável ou indispensável em Moçambique. Havia homens com autoridade que não eram chefes e tinham conhecimentos muitas vezes superiores aos dos chefes. A rede de letrados nas zonas rurais era uma característica de muitas zonas de Moçambique<sup>51</sup>. No sul, estes letrados incluíam os evangelistas, pastores e

Entrevista de MJ. Nogueira da Costa com Lemos Macuácuca, 29-8-1983. (Refere-se a Virgílio de Lemos, Amaral Matos, Calane da Silva, entre 13). Este amigo era João Ferreira, mais tarde Ministro de Agricultura (Christie 1996: 42).

O seu companheiro nesta parte da viagem era Matias Boa (Mboa), que depois da independência discordava totalmente com a linha da FRELIMO.

Cf. Anuários do Ultramar Português.

Samora tinha também requerido a assimilação, que era praticamente o único caminho para ingressar no quadro normal da enfermagem. A legislação introduzida em 1960 por Adriano Moreira, antigo representante de Portugal nas Nações Unidas e depois Ministro do Ultramar, eliminava a necessidade da assimilação mas só a partir de 1962 e 1963 a administração colonial aboliu o processo na sua prática (p.e. a concessão de passaportes que até 1963 inclusive era dependente do processo de assimilação) e só por volta de 1969 fez campanhas de emissão de B.I., que poucos africanos requeriam na altura.

Matos 1991: 128; ver também Melo 1981: 202 "apagado auxiliar de enfermagem" referindo a Março de 1961.

A. Maheche descreveu em 1983 um momento em que ele e um grupo de amigos provocaram um cantineiro na Av. de Trabalho, onde beberam vinho e partiram copos. Como A.M. Gentili mostrou num trabalho sobre Mueda.

professores, a partir dos anos 50 um ou outro enfermeiro reformado que tinha voltado para a sua área de origem. Os africanos eram divididos, na visão de Samora e da sua família, em *maguengue* ou "latas velhas" vendidos aos portugueses ou brancos e aqueles que se mantinham solidários com os africanos.

A sua educação religiosa em casa deve tê-lo afastado um pouco da ideia que a crença no poder da magia africana estivesse sempre justificado. Mas os rapazes respeitavam, quando voltavam da escola à noite, lugares "com espíritos". Era também um mundo em que a crença no poder de Deus, em sinais do futuro, fenómenos miraculosos, etc. estava bastante forte. A formação de enfermeiro e contacto com os médicos no hospital e laboratório, finalmente o ensino liceal, devem tê-lo convencido da existência de uma ciência, de que há explicações racionais para muitos fenómenos considerados de magia ou feitiçaria pela maioria dos africanos, que é preciso planificar, prevenir, que sistemas modernos e disciplina são necessários para conseguir estes alvos.

Samora veio de uma zona com acesso relativamente difícil à escola. A insistência do pai, talvez também o encorajamento da mãe, o exemplo do irmão mais velho, bem como depois a sua própria escolha levaram-no para a frente.

O impacto da luta da igreja católica para ocupar um lugar dominante na sociedade portuguesa e moçambicana afectou também a família de Samora e a ele pessoalmente. Isso não significava no entanto que se tivesse sentido muito mais perto de todos os protestantes ou da Missão Suíça. Fixou os nomes de Roberto Machava, Abel Chambal e outros pastores e evangelistas africanos mas não valorizava talvez tanto a intervenção de missionários protestantes europeus nos períodos mais recentes. Alguns médicos portugueses eram-lhe certamente mais familiares, um deles foi encarregado de velar pela sua família que deixou em Lourenço Marques.

Tinha uma imagem não muito favorável do trabalho migratório para a África do Sul, e igualmente, da dependência dos camponeses dos donos das lojas que compravam o milho produzido para o mercado. No Limpopo eram geralmente portugueses e não indianos.

Em 1953, quando já estava a frequentar o curso de enfermeiro em Lourenço Marques, a criação do colonato do Limpopo começou a deslocar milhares de camponeses das suas terras e pastos. Uma grande parte dos terrenos utilizados pelo pai de Samora para cultivo e machamba passaram para o regadio. Isso e a cultura obrigatória de algodão certamente eram experiências,<sup>52</sup> mas não haviam de detê-lo a tentar mais tarde a socialização do campo. Talvez que o funcionamento do colonato lhe tenha mostrado a capacidade de intervenção do Estado.

A estruturação clara da sociedade africana do vale do Limpopo, onde "Grandes" e "Pequenos", crianças, adultos e velhos, mulheres e homens, mantinham espaços diferentes, onde se lutava segundo certas regras para manter a sua posição social deve tê-lo influenciado a ver, pelo menos ainda em 1974-75, a cidade como um lugar corrompido, com falta de controlo e ordem social e a considerar a sociedade rural como um meio muito melhor.

O exemplo dos pais e o seu padrão de relacionamento da mãe como companheira do pai devem tê-lo inspirado a ver a mulher como companheira do homem e amiga dos filhos.

Para alguns, Samora é uma personalidade de uma certa ambiguidade. Por um lado parece um homem agressivo, mas na mesma altura é crente em valores e em ordem social. Mas a sua agressividade tem finalidades sociais, certamente conscientemente exploradas em muitos casos; serve para impor-se a outros e criar ordem. A sua linguagem é menos conciliatória do que a do pai e dos irmãos. Enuncia abertamente conflitos, mas preserva o humanismo do pai. O pai achou-o obediente e parece tê-lo tratado com respeito, ouvindo as suas explicações sobre as dificuldades escolares. Samora trouxe da sua juventude a experiência de utilizar o seu corpo e destreza física em conflitos. Encarava sem receio quem o queria subjugar ou manter subjugado. Reagia com rapidez às situações e tomou algumas decisões rápidas (outras, como a de abandonar a família e juntar-se à FRELIMO, devem ter levado mais tempo). Criou estruturas hierárquicas com força física, mas soube respeitar hierarquias e competências; soube também iniciar uma colaboração através de gestos de humildade e solidariedade.

Estava preocupado com justiça e igualdade. Tem a sua experiência social com certas injustiças sociais estruturais do sistema colonial, observou que um africano tem notas mais baixas para mantê-lo numa posição social inferior. No seu caso parece ter havido uma enfermeira Sofia que o fez reprovar em Medicina

<sup>52</sup> cf. entrevista feita por John Saul em Dar es Salaam, 1974.

Prática mas também uma outra, Maria Gomes, que o apoiava. Isso deve ter-lhe mostrado de que a pertença a uma certa raça não era um determinante absoluto do comportamento social, que o comportamento era resultado de uma escolha consciente ou inconsciente. Isso deve ter sido uma experiência que o levaria a testar o indivíduo e não pensar e actuar exclusivamente em categorias raciais ou étnicas.

Pessoas que o conheciam, como Albino Maheche, que frequentou com ele o curso de enfermagem e mais tarde o mesmo curso liceal nocturno, e outros como A. E. Guebuza, cujo pai já estava na Saúde, salientaram que o curso de enfermagem era de facto o único que reunia africanos de todo o Moçambique. A escola estatal de professores de Alvor que parece ter sido frequentada pelo irmão mais velho, Josefate, tinha sido transformada depois da Concordata de 1943. Os cursos de formação de professores organizados posteriormente pelas dioceses católicas ofereciam uma experiência social e política muito mais restrita e eram só acessíveis a católicos. Isso e vários outros exemplos devem-lhe ter deixado não só com uma má imagem da Igreja Católica, mas da intervenção de igrejas nas estruturas públicas em geral<sup>53</sup>.

## Bibliografia e Fontes

### Fontes orais: (ver nota 1)

### Fontes manuscritas

Entrevista de J. Saul com Samora Machel (acessível em extracto em Christie 1996: 28-32)

COTA, J. Gonçalves, [Monografia Ethnognósica] Monografias dos Usos e Costumes dos Povos Indígenas da Província do Sul do Save (A.H.M. GG Cx, 2202, Doe. 11, antigo nº 13), ca. 1941

cópia dactilografada sem correções, s. autor, s.d. 96pp (por localizar, última consulta ca. 1995)

## Bibliografia

*ANUÁRIO de Lourenço Marques*. Lourenço Marques: Casa Baily (vários anos)

*ANUÁRIO DO ULTRAMAR PORTUGUÊS*. Lisboa, volumes para 1957-1959.

Arquidiocese de Lourenço Marques 1950: *ESFORÇO MISSIONÁRIO PORTUGUÊS*

Lisboa: AGC

*Brado Africano*

CHRISTIE, Iain, 1996: *Samora, uma biografia*. Maputo: Ndjira [tradução da edição inglesaste 1987].

COVANE, Luís 2001: *O trabalho Migratório e a agricultura no Sul de Moçambique 0920-1992*) Maputo:

Promédia: Colecção Identidades. FERRÃO, F. 1909: *Circumscricções de Lourenço Marques: Respostas aos Quesitos feitos pelo Secretário dos*

*Negócios Indígenas*. Lourenço Marques: I.N. [pp. 157-173 6ª Circunscricção, Bilene] GASTÃO, J. Marques 1955 (três reportagens) HERMELE, K. 1988: *Land Struggles and social differentiation in Southern Mozambique: a case study of Chokwe*,

*Limpopo, 1950-1987* JEANNERET, 1894 Les Khosa. *Bulletin de la Société Neuchâteloise de Géographie* M

ANGHEZI, Nadja. 1999: *O meu coração está nas mãos de um Negro: Uma história da vida de Janet Mondlane*.

Maputo: CE.A/Livraria Universitária MARTINS, Hélder 2001: *Porquê SAKRANI? Memórias dum Médico duma Guerrilha Esquecida*. Maputo: Editorial Terceiro Milénio MATOS, Amaral 1991: *Crónica Oral Histórica*. Em: *Moçambique, 16 anos de Historiografia*. Ed. A. José e Paula

Menezes. Maputo: Notícias, Colecção Painel, 125-132 MELO, Guilherme de Melo 1981: *A sombra dos dias*. Lisboa: Bertrand ["Novela" autobiográfica] MOREIRA, Eduardo 1936: *Portuguese East Africa: a study of its religious needs*. Londres RIBEIRO, A. 1940

[1942] *Anuário de Moçambique 1940*. L.M.: Imprensa Nacional

O seu último professor na escola de Uamexinga em 1943 "era malandro, bebia muito. Não era católico, era da Missão Suíça". (Entrevista de F. Ganhão com S. Machel, 26-8-1983, transcrição A. Loforte)